

REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 27 - número 54 - outubro 2018



Francisco Verardi Bocca, *Do estado à orgia: ensaio sobre o fim do mundo*. (Curitiba: CRV, 2016), 166 pp. ISBN:978-85-444-0799-8

Um materialismo levado às últimas consequências. Esta é a tese que Francisco Verardi Bocca segue como fio condutor para compreender a obra de Sade, em seu recente livro intitulado *Do estado à orgia*. O livro é sustentado por uma minuciosa investigação acerca das leituras que Sade realizou e que foram decisivas para o desenvolvimento de suas obras. Por entre essas leituras, o autor destaca a produção da literatura erótica francesa da época, bem como a influência da filosofia de caráter empirista, tal como a de Lock e a de Hobbes, e o materialismo de La Mettrie. Todavia, não se trata de seguir à risca as ideias apresentadas por estes autores, senão uma radicalização em direção ao que apelidaria de descentralização do sujeito, e que procurarei explicar ao longo desta recensão. Acompanhemos o desenvolvimento da obra a qual é dividida em seis capítulos.

Em “No começo foi assim”, título do primeiro capítulo do livro, além de contextualizar o momento histórico e social em que Sade se situa, o autor apresenta o ponto de partida do pensamento que entende, entre outras coisas, influenciado por uma específica tradição literária francesa que encontrou na pornografia um gênero para suas produções textuais e, igualmente, na figura da prostituta a protagonista e porta-voz de discursos de caráter filosófico. Soma-se, ainda, o fértil cenário filosófico composto por autores que marcam o que ficou conhecido como filosofia iluminista, bem como o modo de escrita filosófica que não se restringe a textos sistemáticos, mas se prolonga em escritos literários ficcionais como romances, diálogos e biografias. Nesta direção, o autor situa a especificidade da Orgia sadeana como um gênero filosófico que ilustra claramente a concepção filosófica de mundo pensada pelo autor; ou seja, a natureza é autodestrutiva e esgotável – o que antecipa, assim, a segunda lei da termodinâmica, a saber: a noção de entropia.

Interessante notar, de acordo com o autor, que a formalização do conceito de entropia na física moderna ocorre alguns anos após a morte de Sade, em 1814. Fato é que o relativismo moral e a natureza como autodestrutiva revelam o caráter singular da filosofia da natureza humana de Sade, como sustenta F. V. Bocca. Filosofia que fora influenciada, em grande medida, pela tese de La Mettrie, segundo a qual “a vida deve ser considerada como processo mecânico (na verdade fisiológico) que envolve matéria, movimento e sensibilidade, ilustrado nos moldes de um erotismo vivido por homens-maquinas” (p. 10).

Além desta tese central, o autor destaca, as seguintes ideias extraídas da filosofia materialista de La Mettrie, quais sejam: i) a crítica ao dualismo cartesiano, pela qual admitiu-se a vitalidade e sensibilidade como inerentes à matéria; ii) os seres vivos como homogêneos e contínuos, favorecendo, assim, a indistinção das espécies; iii) a postulação de uma matéria-prima elementar fundamentada no atomismo clássico e na fisiologia da medicina moderna; iv) a concepção do homem como organização de fibras e tecidos musculares tendo o prazer como

resultado do seu movimento; v) a contingência e a aleatoriedade na constituição dos seres vivos, bem como a sua inutilidade e ausência de uma teleologia e modos de convivência, podendo até mesmo ocorrer a sua extinção; vi) por fim, aquela que talvez seja a premissa mais evidente da filosofia materialista, a submissão da razão à sensibilidade, tendo como pressuposto a tese de que a primeira implica o funcionamento da segunda.

De todas estas ideias presentes na filosofia sadeana, o autor destaca, além do “ateísmo e a indiferença moral”, “o desprezo pela conservação da vida” (p. 11), o que leva Sade a criticar La Mettrie por este não se atentar ao fato de que a concepção materialista do homem como máquina somente se sustenta quando se considera a prática do ateísmo e do crime. Um materialismo levado às últimas consequências deve, necessariamente, considerar a possibilidade do crime e a destruição de si e do outro. Isso se justifica pelo fato de que o prazer ilimitado é o fim último do homem. Tudo o que está ao seu dispor, como seu próprio corpo e o corpo do outro, atendem unicamente à demanda do prazer.

Por conseguinte, ainda no mesmo capítulo, traz à baila as ideias de Hobbes, a fim de mostrar como este elaborou um projeto político artificial no qual pudesse manter a organização, sustentação e conservação da vida humana. Concebeu como pano de fundo o pressuposto da luta de todos contra todos, expressa pela máxima de que “o homem é o lobo do homem”, ilustrando, assim, o caráter destrutivo entre os homens em seu estado de natureza. Construir um projeto político no qual existam leis que forcem os homens a ultrapassar seu estado selvagem, em vista da preservação da existência, seria a grande recompensa por esta renúncia dos desejos individuais.

Se, por um lado, Hobbes postulou um projeto político fundamentado na renúncia do estado primitivo – visando corrigir os desejos que emergem desta condição, posto que isso seria a única maneira de preservar a vida –, Sade, por seu turno, não apenas reconheceu este estado natural como, também, incentivou a afirmação desta vida selvagem por parte dos sujeitos. Assim, apesar de Hobbes e Sade partirem do mesmo pano de fundo – o estado de natureza do homem – desencontram-se no que diz respeito às suas intenções e finalidades.

A Orgia em Sade, tal como se apresenta na obra em apreço, se constitui também como uma organização social, todavia pautada na autodestruição dos seus membros. Vale lembrar que não há altruísmo sob esta perspectiva, visto que o outro não passa de um meio para o eu realizar o seu desejo. Sendo o prazer desfrutado individualmente, não há qualquer possibilidade de laço social que possa ser sustentado entre dois sujeitos, pois o outro não é mais do que um mero objeto de satisfação. Podemos afirmar que quanto mais apatia puder ter em relação ao outro mais o prazer é realizado com êxito. O leitor já deve ter intuído, aqui, a natureza entrópica da Orgia sadeana na medida em que permite e incentiva a prática das tensões eróticas de maneira livre e incondicional pelos homens-máquina. Daí a

necessidade de todo um projeto pedagógico que viria desconstruir as virtudes e os valores morais, a fim de que os homens pudessem exercer com precisão os vícios, a indiferença, o isolamento e assim estimular as sensações. Por todas estas ideias é que o autor reconhece Sade como aquele pensador que foi infiel ao projeto moderno, por ter levado adiante não uma educação que faria uma domesticação ao homem, mas cuidaria justamente das suas inclinações destrutivas.

Tendo apresentado o contexto e o contraste de Sade em relação aos demais autores modernos no que diz respeito à finalidade da existência do homem, o autor *Do estado à orgia* prossegue analisando no segundo capítulo da obra, intitulado “Uma mecânica para o desejo”, as noções de *prazer* e *desprazer* a partir da filosofia hobbesiana. O amor e o desejo fundam-se nas sensações que se apresentam ao sujeito como agradáveis, prazerosas; e o desprazer como o que deve ser repellido, que é de natureza desconfortável, e é a base na qual a aversão e o ódio assentam. A afirmação positiva do amor significa concebê-lo como sinónimo de uma sensibilidade prazerosa, enquanto a dor e o sofrimento causados pelo desprazer têm uma coloração negativa. Evidentemente, como o leitor já deve ter percebido, o projeto político hobbesiano considera o amor, o prazer, como algo a ser buscado através da renúncia das coisas que prefiguram o seu contrário, ou seja, o desprazer.

A mecânica do desejo ocorre a partir da concepção de uma natureza mecanicista do homem, tendo como ideia principal o movimento de atração e repulsão: foi “esta perspectiva que permitiu apontar para a sensação como unidade do espírito e para o desejo/aversão como fator primário de acionamento da máquina humana” (p. 37). A fim de manter a noção de *conatus* como desejo de autopreservação, Hobbes considerou o estabelecimento de laços sociais como forma de fazer o homem gozar e manter as coisas no âmbito do prazer, ao passo que evita tudo o que coloca em risco sua vitalidade, isto é, coisas ruins com potencialidades destrutivas. A renúncia à liberdade: eis onde reside a necessidade da construção do Estado, como a função de receber todas as liberdades individuais em vista da conservação do bem viver em comunidade, de modo que cada indivíduo se submeta às leis da sociedade. Conforme lembra o autor, o Estado, tal como pensado por Hobbes, é responsável por eliminar as diferenças, as individualidades, tendo em vista a harmonia da convivência entre os indivíduos. Funda-se, assim, a noção de sujeito moderno, aquele que é detentor de uma capacidade racional de guiar sua existência a partir da prudência, do controle racionalizado das paixões, e que é avesso a seu estado natural. O distanciamento progressivo de sua origem selvagem é o grande destaque deste sujeito domesticado, ou se quiser, civilizado.

No capítulo “Tudo pelo prazer”, o autor analisa como as teses acerca do funcionamento do corpo humano como uma soma de átomos está precedida nas filosofias de Epicuro e Lucrecio. Ao afirmar que todo mal e todo bem residem na sensibilidade e que a morte é precisamente a privação da sensibilidade, Epicuro elaborou uma física pautada pela ideia de que o universo é composto por

matéria e espaço, ou átomo e vazio. O autor da obra em análise destaca, de entre as contribuições destes dois filósofos helenistas para o materialismo francês, a ideia de que a alma carrega em si a causa principal das sensações. Não sendo o corpo desprendido da alma, seu funcionamento depende absolutamente dela, uma vez que não existe uma instância sem a outra. Outrossim, neste capítulo o autor apresenta ainda as teses de Condillac, principalmente no que diz respeito ao seu entendimento do prazer/desprazer como condição primordial da vida passional – perspectiva que terá grandes implicações éticas, que se desenvolvem no capítulo seguinte, qual seja, “Quando a máquina é sensível”.

Neste capítulo o acento recai sobre as considerações da filosofia de La Mettrie, com destaque em relação à sua perspectiva em torno das paixões, e, ao mesmo tempo, para sua otimista possibilidade de uma ética e um bem conduzir dos desejos. La Mettrie considerou a possibilidade, inclusive, de estabelecer relações de empatia com os semelhantes, o que no contexto da Orgia sadeana é impossível. Afinal, para uma filosofia que tem como pressuposto a concepção mecânica do homem, o solipsismo é uma das condições necessários para o seu bom funcionamento, visto que seu egoísmo é o que deve vigorar e ser protegido. Mesmo La Mettrie reconhecendo que o altruísmo é possível, como um exercício imaginativo, este não passa de uma necessidade de pacto com o semelhante que visa proteger nossos bens. Ou seja, só se considera o outro para que o outro não me destrua, não venha desestabilizar o gozo do indivíduo. Muito embora, como lembra F. V. Bocca, La Mettrie tenha mais tarde revisto esta tese (admitindo que o remorso não se encontra presente em todos os homens) segue-se daí, então, a concepção do remorso como sendo fundado e veiculado pela educação, a qual é “muitas vezes preconceituosa e restritiva” (p. 91).

É no capítulo que tem como título “Quando o prazer é demais”, que o autor expõe com precisão a filosofia de Sade, após arquitetar toda uma fundamentação dos autores que influenciaram a perspectiva materialista sadeana, bem como o que desponta como inédito de seu pensamento. Já mencionamos anteriormente que uma das características fundamentais da filosofia sadeana refere-se à ideia de radicalização do prazer a partir do pano de fundo do homem como máquina. Disso resulta a recusa de qualquer obstáculo moral/político que venha dificultar o exercício e a prática das inclinações que constituem a natureza desta máquina. A própria razão, entendida como fundada na sensibilidade, deve ser orientada para promover “a satisfação de toda inclinação em toda sua intensidade, praticando inclusive o mau quando corresponder ao bom da sensibilidade” (p. 111). Curiosamente, essa ideia foi constatada por Hobbes no *Leviatã*, como algo a ser evitado em vista de uma liberdade positiva no interior da civilização.

Numa direção inversa, além de não recusar esses desejos e prazeres naturais, Sade os potencializa ao máximo possível. Para isso, a submissão às leis da natureza se faz necessária, primeiramente, porque as nossas inclinações funcionam de acordo com a lógica desta mesma natureza; segundo, porque não há moralidade

nesta natureza primitiva que force os indivíduos a renunciarem aos seus desejos, em vista de um bem comum. É importante enfatizar que na natureza não existe uma moralidade que enquadre os comportamentos sob um binário de bom e mau. Conforme lembra Francisco, “na perspectiva da natureza nenhuma ação é má ou criminosa, uma vez que está sempre sob a égide do atendimento espontâneo e irrestrito de seus apelos. Nela toda a ação é inqualificável, a não ser como útil para a finalidade de satisfação” (p. 111).

Quando colocamos em suspenso toda nossa bagagem moral e passamos a analisar o comportamento humano a partir das ponderações sadeanas de uma natureza humana fundada na sensibilidade e no prazer, fica claro como as renúncias realizadas pelos indivíduos para ingressarem na civilização são problemáticas. Em *Mal-estar na cultura*, Freud já notou que esta perda que os indivíduos sofrem quando entram na civilização, se não for recompensada, cria sérios distúrbios. O processo de recalçamento necessário para se viver em sociedade acarreta no adoecimento e enfraquecimento do animal humano. É percebendo esse enfraquecimento que Sade optou por conduzir sua filosofia em direção à maximização do humano em seu estado natural, afirmando esse modo de existência com todas as suas consequências possíveis, como vimos, todo tipo de perversão possível e necessária para realizar seu desejo e desfrutar do prazer.

No capítulo “Agora é tarde”, e que brinda o leitor com as ponderações finais das reflexões arquitetadas em seis capítulos, o autor busca extrair as implicações da filosofia sadearna em aproximação com a segunda lei da termodinâmica, mais precisamente com a noção de entropia. O ponto de partida retoma as ideias apresentadas nos capítulos anteriores, mas com o destaque da ideia de que o fim último do ser humano é o prazer levado às últimas consequências – prazer esse “cuja tendência e finalidade se dá na morte, na verdade como cumprimento do destino de todo organismo vivo na Terra” (p. 137). A Orgia sadearna realiza a completa descentralização do sujeito civilizado, de um sujeito que foi forjado na base da renúncia e voltado para o cultivo da virtude, apoiado com todas as suas forças na razão. A razão, assim, foi desenhada para nossa sociedade como a grande salvadora do sujeito, como aquela que viria nos mostrar o “verdadeiro” caminho a percorrermos enquanto civilização, até alcançarmos, finalmente, a paz perpétua, como sonhou Kant. A noção de entropia, por outro lado, postula que as coisas tendem, por natureza, à sua exaustão, são autodestrutivas e aspiram a este caminho teleológico. Mas uma teleologia de caráter estritamente negativa, ao contrário, portanto, da teleologia positiva do sujeito hobbesiano. A desordem e a impossibilidade de conservação das coisas existentes no mundo configuram, precisamente, a premissa básica da entropia: “um sistema físico (fechado) sofre uma deterioração progressiva decorrente da impossibilidade de conter, pelas trocas de desordem, seu resfriamento, sua morte, sua exaustão” (p. 139). Esgotamento, desgaste, destruição, aniquilamento, degradação das energias, o declínio das máquinas e o envelhecimento irreversível da vida são algumas das expressões de um mundo entrópico.

O ponto de convergência que F. V. Bocca encontra entre a Orgia sadeana e a entropia reside, precisamente, no fato de que a primeira é arquitetada a partir do isolamento geográfico, como descrito em *Os 120 dias*, em castelos e mosteiros. O isolamento é entendido, neste contexto, como “responsável pela própria impossibilidade de uma alimentação permanente do sistema pela via do estabelecimento de fluxos com sistemas vizinhos” (p. 140). A estratégia para a realização da Orgia acentua seu caráter entrópico, precisamente, quando se optou por um lugar que impedia a mudança de decisão dos participantes e que pudessem fugir do local. Uma vez dentro, não havia como escapar, o mesmo acontece, podemos dizer, com todo o ser vivo quando lançado no mundo.

O local da realização da Orgia, portanto, pode ser entendido como o próprio mundo pensado segundo a lei de entropia do mundo, uma vez que aqui lançados, estamos condenados a perecer, ao desgaste natural de nossa existência e sem podermos fugir. Por conseguinte, F. V. Bocca reafirma e conclui sua tese, segundo a qual *Os 120 dias* representam uma filosofia materialista-entrópica, com um projeto arquitetado e uma finalidade explícita, encontrando na Orgia “sua ilustração e seu custo o esgotamento, a degradação dos seus recursos energéticos que são, embora fartos, nela rapidamente consumidos por cento e vinte dias, ao longo dos quais queimou como uma fornalha” (p. 143).

Ao chegarmos ao fim destas reflexões, podemos inferir que o sistema filosófico sadeano nos ajuda a pensar, entre tantas coisas, a natureza humana ancorada na sensibilidade e no desejo, de maneira que o deslocamento do animal humano para o interior do estado moderno implica, seriamente, perturbações das mais variadas, justamente por forçar uma renúncia de suas inclinações em vista de uma promessa da razão que jamais se cumpriu em sua totalidade. Ademais, a descentralização do sujeito pela via de sua filosofia materialista antecipa o que autores do século XX viriam fazer – evidentemente por perspectivas e finalidades distintas, e não com este peso radical, qual Sade. Seja como for, Sade é um desconstrutor por excelência da ideia de uma sociedade fundada no sujeito, na razão. Lembro, aqui, as críticas de Derrida em relação às chamadas “metafísicas da presença”, e sua desconstrução desse modo de pensar ocidental. Podemos dizer que Sade, nessa direção, foi o que mais rompeu com essa estrutura, porém pela via da Orgia, como destruição dos pressupostos metafísicos sob os quais a civilização se apoia. Através das leituras suscitadas, o livro de Francisco Verardi Bocca, *Do estado à orgia: ensaio sobre o fim do mundo*, se apresenta como uma primorosa contribuição aos interessados em física, filosofia, psicanálise, política e todos aqueles que questionam as estruturas da civilização.

Renato dos Santos

Doutorando, Pontifícia Universidade Católica do Paraná/
/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
renatodossantos1@hotmail.com
DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_54_13